

## INTERROGATIVAS Q- DO PORTUGUÊS BRASILEIRO MODERNO: QUADRO GERAL

NILMARA SOARES SIKANSI  
(UNICAMP)

**ABSTRACT** This article presents some statistical results concerning the linguistic and non-linguistic factors that seem to account for the Verb-Subject (V S) inversion in Wh- questions in Modern Brazilian Portuguese. The major claim is that V S order is a residual phenomena restricted to very specific contexts. The hypothesis is that the remaining structures with V S order are in fact a case of **false inversion**.

### 0. INTRODUÇÃO

O objetivo central desse trabalho é mostrar como estão sendo construídas as sentenças interrogativas Q- no português brasileiro moderno (PBM), principalmente no que se refere ao posicionamento do sujeito e do verbo. Sendo assim, foi feito um estudo estatístico dessas sentenças para verificar se existe algum condicionamento lingüístico ou não que esteja influenciando a ordenação dos constituintes na interrogativa. O corpus utilizado foi obtido a partir de diversos contextos de uso – entrevista na televisão, sala de aula de adultos e crianças, redações do vestibular, peças teatrais, romances, entre outros. A metodologia utilizada nessa pesquisa é a desenvolvida por Tarallo & Kato (1989) que procura unir a perspectiva paramétrica do modelo gerativo e a metodologia quantitativa do modelo variacionista. Dessa forma, o artigo ficou assim dividido. Na próxima seção, farei uma discussão geral do problema a ser tratado no trabalho, abordando alguns textos relevantes sobre o assunto. Na seção 2, serão apresentados e discutidos os resultados estatísticos obtidos, e, em seguida, será proposta uma explicação sintática para os diversos tipos de estruturação encontrados.

### 1. O PROBLEMA

A questão da ordem das interrogativas Q- no PBM despertou a curiosidade de vários pesquisadores pois mostra claramente que ocorreu uma mudança sintática na gramática do português brasileiro na passagem do século XIX para o XX. Até o século passado, os textos escritos atestam a obrigatoriedade de inversão Verbo-Sujeito nas

interrogativas Q-. Atualmente, no entanto, tal fato não é mais observado, conforme os textos abaixo apontam.

Um dos textos que mais influenciaram o estudo da ordem S-V nas interrogativas é o de Kato (1987). Nesse artigo, a autora propõe que a ordem V-S ocorre em três contextos distintos em PBM:

- a) construções com verbos ergativos;
- b) construções em que o verbo é anteposto ao sujeito (V-front);
- c) construções em que o SN sujeito é deslocado para a direita.

Essas construções têm em comum o fato de ocorrerem com verbos que, nesses contextos, só admitem um argumento foneticamente realizado. A questão que a autora levanta nesse texto é se a regra de V-Front (item b acima) não seria uma regra estilística pelo seu caráter quase totalmente facultativo.

Já Duarte (1992) procura identificar os fatores que mais fortemente teriam condicionado a mudança da ordem Verbo-Sujeito (VS) para Sujeito-Verbo (SV) nas construções interrogativas Q- no PBM, sob a hipótese de que ela coincide com o aparecimento do expletivo “é que”, para depois estender-se pelas estruturas em que tal inserção não ocorre. Dessa forma, os poucos casos de inversão observados seriam analisados como exceções que dependem de outros fatores, tais como o tipo de elemento Q- e o número de argumentos verbais foneticamente realizados. A autora trabalha tanto com dados diacrônicos (peças teatrais dos séculos XIX e XX) quanto com dados sincrônicos (linguagem das novelas de televisão de 1989). São excluídas da análise as sentenças com sujeito elíptico, indeterminado ou topicalizado e as que este era o próprio elemento Q-.

A análise dos dados mostra que, entre 1730 e 1830, todas as interrogativas diretas exibem a ordem VS. No entanto, a partir de 1882 percebe-se um aumento sensível no uso da ordem SV, bem como o aparecimento do expletivo “é que”. Porém é só em 1937 que a ordem SV implementa-se definitivamente no sistema e a presença do expletivo é determinante para que tal ocorra. A partir daí, a ordem SV não pára de crescer, mas o expletivo deixa de ser seu único condicionador. Sendo que, em 1975, são observados casos de inversão que exibem o expletivo, caracterizando-se, assim, a perda de seu caráter detonador ou facilitador da ordem SV. Uma outra observação importante é que, desde que começa a ser usada, a ordem SV privilegia as estruturas com sujeito pronominal.

A conclusão de Duarte é que a ordem VS, no PBM, está restrita (embora não obrigatoriamente) a interrogativas que se constroem com os verbos **ser**, **estar** e com os chamados **verbos apresentativos**, que, nas sentenças declarativas, normalmente apresentam o SN posposto, o que deixa dúvidas quanto ao fato de se tratar realmente de inversão. A tal conjunto de verbos, soma-se a representação do sujeito por um SN lexical e o fato de que apenas este argumento se faz representar foneticamente.

Lopes Rossi (1993) já apresenta uma outra explicação sintática para a baixa incidência de inversão V-S no PBM. O objetivo da autora é fazer um estudo sobre a mudança diacrônica das interrogativas do PBM segundo o modelo de análise apresentado em Roberts (1990) e levantar hipóteses sobre a reanálise diacrônica e

conseqüente mudança paramétrica pela qual as interrogativas passaram. Seu corpus diacrônico abrange cinco séculos (XVI-XX) e é extraído de peças teatrais e, sincronicamente, é obtido em programas de televisão.

Analisando diacronicamente o PB percebe-se a perda do movimento do verbo, a não obrigatoriedade de movimento do elemento Q- na sintaxe e a perda de marcação de caso nominativo por regência. Mas o principal ponto da análise de Lopes Rossi que difere da explicação dada por Duarte se relaciona às construções com “é que”. Para a autora, esse tipo de interrogativa é derivada da sentença clivada do tipo “it cleft sentence” e apresenta, portanto, uma sentença matriz e uma encaixada, e não apenas uma sentença como tem sido comumente considerado. Os pares abaixo mostram sentenças clivadas com vários tipos de elementos focalizados e sentenças interrogativas com “é que” incidindo sobre esses elementos focalizados.

- (1) a. Foi você que leu o livro.  
b. Quem foi que leu o livro?
- (2) a. É na escola que você vai.  
b. Onde é que você vai?

Kato (1993) procura explicar todas as possibilidades de ordenação entre sujeito e verbo nas interrogativas Q- do PBM. Para as estruturas com “é que”, a autora adota a hipótese de Lopes Rossi (citada acima), segundo a qual, nessas construções, a extração se faz da sentença clivada. Assim estaria explicada tanto a ordem VS quanto SV que ocorre com “é que”, sendo que esta última seria, na verdade, a mais comum, mas a primeira também poderia ocorrer. Para explicar as sentenças que apresentam a inversão (ex. 03), Kato propõe que, nessas construções, a extração se faz de estruturas que apresentam um deslocamento à direita com pronome co-referente nulo na posição de sujeito pré-verbal. Ou seja, o que ocorre na verdade é uma falsa inversão. A autora postula que as sentenças abaixo (ex. 04) seriam a base da extração e o sujeito se encontraria em posição final, sendo que o **pro** (sujeito nulo pré-verbal) é que receberia o caso por concordância – caso o pronome se realizasse lexicalmente, este é que receberia o caso.

- (03) Onde dormiram as crianças?
- (04) a. (Eles) Estão aqui os meninos.  
b. (Ele) Vem aí o Pedro.  
c. (Ela) Faturou vinte mil cruzeiros a nossa barraca.

Como os sujeitos nulos parecem estar desaparecendo do PBM (Duarte, 1993), segundo a autora, acabará por se revelar a falsa inversão que ocorre nessas estruturas (ex. 05)

- (05) a. Onde eles estão os meninos?  
b. Quanto ela faturou a sua barraca?

Finalmente, para as sentenças interrogativas com ordem SV, Kato analisa essas estruturas como sendo uma consequência da extração das sentenças clivadas, porém, nesse caso, houve o apagamento tanto da cópula quanto do complementizador que.

- (06) a. (Foi) [O PEDRO [ (que) saiu]].  
b. (Foi) [QUEM [(que) saiu]].

A autora conclui, portanto, que, no PBM, ocorreram três mudanças nos últimos séculos:

- a) o caso nominativo passou a ser atribuído somente para a posição de SpecIP;
- b) houve um aumento considerável de extrações de Q- a partir de sentenças clivadas;
- c) aconteceu uma mudança no paradigma pronominal com uma diminuição no uso de construções com **pro**.

## 2. ANÁLISE DOS DADOS

Os textos apresentados na seção anterior suscitam uma série de questões a serem consideradas na análise dos dados, tais como:

- a) Qual é a incidência de ordem VS?
- b) Existe algum condicionamento lingüístico ou não que favoreça a inversão VS?
- c) O tipo de verbo e a hipótese da monoargumentalidade se confirmam nos dados?
- d) A presença ou ausência do expletivo “é que” está afetando a ordem nas sentenças interrogativas?

Com o objetivo de responder as essas questões, foi feita uma análise estatística do corpus coletado usando o pacote VARBRUL. Ao todo foram analisadas 708 sentenças coletadas em diversos contextos de uso (entrevista na televisão, redações de vestibular, peças teatrais, romances, fala espontânea, sala de aula, dados do Projeto NURC/SP). No entanto, como o objetivo central era analisar a incidência de inversão Verbo-Sujeito nesse tipo de estrutura, não foram consideradas as sentenças sem sujeito expresse e as que o elemento Q- incidia sobre este. Também não foram analisadas as construções de Q- *in situ*. O corpus foi dividido em três subconjuntos conforme o contexto no qual as sentenças foram coletadas – Projeto NURC/SP, Dados de Língua Falada e Dados de Língua Escrita. Os fatores utilizados para a codificação dos três corpora são basicamente os mesmos, só se diferenciando no grupo que especifica o tipo de corpus, como pode ser visto a seguir:

- 1- Variável dependente:
  - Sujeito-Verbo
  - Verbo-Sujeito
- 2- Tipo de Sujeito:
  - Pronome pessoal ou demonstrativo
  - Pronome de tratamento
  - Expressão-referencial simples<sup>1</sup>
  - Expressão-referencial complexa
- 3- Tipo de Verbo:
  - Cópula
  - Ergativo
  - Reflexivo inerente
  - Transitivo
  - Intransitivo
- 4- Tipo de voz:
  - Ativa
  - Passiva
- 5- Tipo de construção verbal
  - Simple
  - Composta
- 6- Expletivo “é que”:
  - Presença de “é que
  - Presença de “que”
  - Ausência de “é que”
- 7- Tipo de elemento Q-:
  - Quem
  - Que
  - Que + NP
  - Que tipo de NP
  - O que
  - Qual
  - Como
  - Porque
  - Quanto

---

<sup>1</sup> Como expressão-referencial simples eu considerei os sintagmas nominais simples, tal como exemplificado em (a) abaixo. Já a expressão-referencial complexa foi o sintagma nominal sentencial, como em (b). A hipótese era de que quanto maior a dimensão do sujeito maior seria a probabilidade deste ocorrer depois do verbo – inversão Verbo-Sujeito.

(a) O que **as mães** fazem, hein? (Fala espontânea, 24/10/90)

(b) O senhor sabe como é denominada **a pessoa que empresta dinheiro**? (NURC/SP, DID 250, 254')

Quanto + NP

Onde

Quando

Qual + NP

8- Estatuto da oração:

Independente

Subordinada

9- Tipo de Corpus

Os dados foram separados em três arquivos. O primeiro deles contém somente sentenças retiradas do corpus do Projeto NURC/SP (EF= Elocução Formal, D2 = Diálogo entre dois informantes e DID = diálogo entre informante e entrevistador). O outro arquivo reúne as construções obtidas em textos escritos, tais como, peças de teatro, romances e redações do vestibular. O último engloba as ocorrências retiradas de situações de fala, por exemplo: entrevistas na televisão (CANAL LIVRE, JÔ SOARES 11:30, RODA VIVA, CARA A CARA, entre outros), sala de aula de adultos e crianças e, também, fala espontânea.

**Projeto NURC/SP Escrita**

EF

peça de teatro

D2

romance

DID

narração

Dissertação

Carta

**Fala**

Canal Livre

Jô Soares 11:30

Cara a Cara

Escolinha do Prof. Raimundo

Metrópolis

Roda Viva

40 anos de Televisão

sala de aula de adulto

sala de aula de criança

fala espontânea

10- Dimensão do sujeito:

1-2 sílabas

3-6 sílabas

7 ou mais sílabas

A análise quantitativa dos dados apresentou a seguinte percentagem de ocorrência de inversão V-S conforme o tipo de corpus:

Tipo de Corpus	Frequência de V-S	Peso relativo
Projeto NURC/SP	37%	.27 (187)
Língua Escrita	21%	.03 (214)
Língua Falada	43%	.43 (307)

Tabela 01: Frequência e peso relativo de V-S conforme o tipo de corpus

A análise probabilística seleciona as variáveis mais relevantes para a compreensão do fenômeno pela pesagem de fator a fator. A listagem hierarquizada por grau de relevância apontou os seguintes grupos de fatores como fortes influenciadores na ordenação dos constituintes na sentença:

Grupos de Fatores	NURC/SP	ESCRITA	FALA
Tipo de sujeito	1	2	4
Tipo de verbo	2	1	1
Tipo de voz	-	-	-
Construção verbal	-	-	-
Expletivo “é que”	-	-	-
Tipo de elemento Q-	4	3	-
Estatuto da oração	-	4	-
Tipo de corpus	3	-	-
Dimensão do sujeito	-	-	3

Tabela 02: Hierarquia dos grupos de fatores selecionados como relevantes para a ordem VS conforme o tipo de corpus.

Sem dúvida alguma as variáveis que mais diretamente afetam a estruturação das sentenças interrogativas são **tipo de verbo** e o **tipo de sujeito**. Esses fatores foram apontados em todos os corpora como explicativamente fortes para o fenômeno em questão.

Com relação ao **tipo de verbo**, temos que a classe dos transitivos são inibidores da ordem V-S, ocorrendo o sujeito, quase sempre, antes. Por outro lado, os verbos copulares, ergativos e intransitivos tendem a aparecer antes do sujeito. Já os reflexivos inerentes apresentam um comportamento basicamente neutro, sendo que a sua posição na sentença parece ser mais relacionada ao tipo de sujeito que nela ocorre.

Em se tratando do tipo de sujeito, observamos que os pronominais tendem a aparecer antes do verbo, sendo que os pronomes de tratamento basicamente ocorrem, todos, na ordem S-V. Ao contrário desses, os sujeitos que são uma expressão-referencial simples ou complexa favorecem fortemente a anteposição do verbo. Esse resultado é confirmado quando analisamos a dimensão do sujeito, pois vemos que, quanto maior o seu tamanho, maior é também a probabilidade dele ocorrer depois do verbo.

Outro fator que foi apontado como influenciador da estruturação das interrogativas é o **estatuto da oração**. Aqui temos um resultado bastante interessante. Enquanto os dados de língua escrita e falada confirmam a hipótese de que, nas sentenças encaixadas, existem menos restrições para a ocorrência da ordem S-V, os dados do Projeto NURC/SP apontam que, nesse contexto, a ordem V-S é a mais frequente (63%). Porém, a tabela abaixo pode explicar esse paradoxo:

Tipo de Sujeito	Estatuto da oração				
	Independente		Subordinada		Total
Expressão-referencial	82%	55/67	92%	11/12	84% 66/79
Pronomes	3%	3/101	14%	1/7	4% 4/108
Total	35%	58/168	63%	12/19	37% 70/187

Tabela 03: Frequência de V-S a partir do cruzamento dos fatores **estatuto da oração** com **tipo de sujeito**, no corpus do Projeto NURC/SP.

A tabela acima mostra que o alto índice de ordem V-S obtido nas sentenças subordinadas se deve à natureza do sujeito que ali ocorre, pois em 92% dos casos (11 entre 12 orações) este é uma expressão-referencial que, como apontado anteriormente, influencia fortemente a anteposição do verbo. Sendo assim, o resultado discrepante que encontramos no corpus do NURC/SP se deve mais ao tipo de sujeito que predominantemente aparece nessas sentenças encaixadas.

O **tipo de elemento Q-** também foi apontado como um fator determinante da posição do sujeito e do verbo. Temos que o **qual**, em todos os corpora, ocorre quase que categoricamente com a ordem V-S. No entanto, com esse tipo de pronome interrogativo, normalmente usamos uma cópula e é a sua presença que ocasiona tão alto índice de anteposição do verbo nesse contexto. Com relação aos demais elementos Q-, podemos observar que o **porque**, o **quanto**, o **quando** e o **onde** preferem a não anteposição do verbo. Já o **como** apresenta um comportamento basicamente neutro, ocorrendo com frequência quase igual em ambas as ordens. Os demais tipos de elementos Q- se mostram inconstantes: ora preferindo a ordem V-S (NURC/SP e língua escrita), ora a ordem S-V (língua falada). Na verdade, essa variável é muito afetada pelos fatores co-ocorrentes com ela, principalmente o **tipo de verbo** e o **tipo de sujeito**.

O último fator apontado como explicativamente forte para o fenômeno foi o **tipo de corpus**. No entanto, essa variável só foi selecionada na análise dos dados do Projeto NURC/SP. Porém, ela se mostrou relevante também para os diversos contextos de língua escrita considerados, pois pudemos perceber uma distribuição complementar entre as situações de escrita. As sentenças coletadas a partir das redações de vestibular mostraram uma predominância da ordem V-S, sendo que, por outro lado, nos romances, a ordem S-V foi a preferida e, mais ainda, nas peças teatrais onde a anteposição do verbo quase não existiu. Com relação aos dados de língua falada, temos que, contrariamente ao que seria de se esperar, esse é o contexto que obteve a maior frequência de anteposição do verbo (42%). Mas é também o corpus onde mais ocorreram sujeitos não pronominais – mais da metade das ocorrências possui como sujeito uma expressão-referencial e, nesse contexto (sujeito = expressão-referencial), em 73% dos casos a ordem adotada foi V-S. Assim sendo, o resultado inesperado pode ser explicado pelo tipo de sujeito mais utilizado nesse corpus.

De uma forma geral, a construção **sem** inversão Verbo-Sujeito é a preferida em todos os tipos de corpora. Analisando-se os resultados probabilísticos, temos que, no contexto de língua falada, ocorre a maior incidência de V-S (.42). Em seguida, encontramos os dados do Projeto NURC/SP, que apresentam um índice de .27 de

ocorrência do verbo anteposto ao sujeito. Por último, com um resultado bem próximo de zero (.03), temos as sentenças coletadas de textos escritos atuais. Esse é um resultado bastante inesperado que precisará ser explicado sintaticamente.

Para explicar todas as possibilidades de ordenação encontradas nos dados, gostaria de retomar o texto de Kato (1993). O primeiro contexto abordado pela autora é o que coloca que tanto VS quanto SV podem ocorrer com o expletivo “é que”. Os dados mostram que isto realmente se verifica, sendo que, como apontado anteriormente, a ordem SV é a preferida.

- (07) “e o que a senhora considera uma boa peça teatral?” (NURC/SP, DID 234, 32’)
- (08) “como está o homem?” (DE REPENTE, ÀS TRÊS DA TARDE, pág. 191, 4)
- (09) “e o que é que essa Lucinha tá fazendo?” (O HOMEM CHEIO DE SONHOS, pág.8,7)
- (10) “do que que é composta a ceia de Natal?” (NURC/SP, DID 235, 287’)

A segunda possibilidade de ordem apontada por Kato é a colocação do sujeito antes do verbo nas sentenças interrogativas sem o expletivo “é que” e sua hipótese é de que, nessa situação, o que ocorreu foi o apagamento desse expletivo. Na análise dos três tipos de corpora, várias foram as sentenças que apresentaram essa estrutura.

- (11) “que profissional você colocaria para sua proteção?” (NURC/SP, DID 251, 511’)
- (12) “por que tantas crianças perambulam pelas ruas ao invés de estarem estudando nas escolas ou em seus lares?” (REDAÇÃO DO VESTIBULAR/DISSERTAÇÃO)
- (13) “o que o governo deveria e poderia fazer para reverter essa situação?” (CANAL LIVRE, 07/12/90, TV Bandeirantes).

Quanto à explicação sintática dada por Kato para essa estrutura, os resultados estatísticos pouco podem contribuir. O que temos é que, na ordem S-V, predominam os sujeitos pronominais e os verbos transitivos. Porém, a proposta de Kato pode ser reforçada pelos resultados obtidos por Duarte (1992), pois, nesse texto, a autora mostra, usando dados diacrônicos, que até o aparecimento do expletivo “é que”, em 1882, todas as interrogativas diretas exibiam a ordem V-S. A partir dessa data, percebe-se um aumento sensível no uso da ordem SV, chegando, no dias atuais, a superar a anteposição do verbo. Ou seja, se a ordem SV só começou a ocorrer no PB depois que a partícula “é que” começou a ser usada nas interrogativas, parece-me plausível atribuir-se ao apagamento desse elemento a **não** anteposição do verbo em relação ao sujeito nessas estruturas.

O último tipo de estruturação encontrado é a ordem VS nas sentenças em que o expletivo “é que” não aparece. Kato propõe que, nesse contexto, ocorre o que ela chama de **falsa inversão** – a extração se faz de estruturas que apresentam um deslocamento à direita com pronome nulo. As sentenças (14) abaixo – repetidas aqui para facilitar a exposição – seriam a base da extração e o sujeito se encontraria em posição final. Como os sujeitos nulos estão desaparecendo do PBM (conforme Duarte 1993), a tendência é que se revele a falsa inversão que ocorre nessas estruturas (ex. 15).

- (14) a. (Eles) Estão aqui os meninos.  
b. (Ela) Faturou vinte mil cruzeiros a nossa barraca.

- (15) a. Onde eles estão os meninos?  
b. Quanto ela faturou a sua barraca?

Voltando agora aos dados dessa pesquisa, vemos que o verbo predominante, nesse contexto, é a cópula que, por sua vez, é altamente favorecedor da inversão Verbo-Sujeito (ex. 16 e 17).

- (16) “como era ela?” (O QUE SERÁ?, pág. 13,9)  
(17) “como foi o episódio da sua cassação em 1964?” (RODA VIVA, 10/12/90, TV Cultura).

Vejam agora o que se passa nos contextos de inversão V-S onde o verbo não é copular. Nesses casos, o sujeito pós-verbal é, na grande maioria das vezes, uma expressão-referencial definida. Além disso, esta ocorre em posição final de sentença – observe, principalmente, o ex. 18 onde um sintagma adverbial aparece entre o verbo e o sujeito. Esses dois fatores – sujeito definido e em posição final da sentença – corroboram a hipótese de Kato de que, nesses contextos, o que ocorre é uma falsa inversão.

- (18) “que conseqüências pode ter nessa área econômica esse conflito?” (RODA VIVA, 21/01/91, TV Cultura)  
(19) “o que significa essa chave?” (REDAÇÃO DO VESTIBULAR/NARRATIVA)  
(20) “o que não vai falar o povo?” (DE REPENTE, ÀS TRÊS DA TARDE, pág. 23,9)

Se considerarmos que, nessas estruturas, não ocorre a inversão verbo-sujeito, mas sim um deslocamento à direita com pronome co-referente nulo, podemos entender também porque a ordem V-S é de mais freqüente no corpus de língua falada do que no língua escrita. Isso porque as estruturas de deslocamento à direita são bem mais comuns na fala do que na escrita, onde o usuário pode voltar no texto e refazer as sentenças se achar que está havendo ambigüidade. Esse recurso não é possível na fala, o que ocasiona um uso maior de sintagmas nominais no final da oração com o objetivo de esclarecer eventuais dúvidas. O fato desse sintagma ter um caráter definido só reforça a hipótese da falsa inversão.

A conclusão final que podemos tirar é que a chamada inversão Verbo-Sujeito nas interrogativas com elemento Q- é um fenômeno extremamente restrito no PBM, aplicando-se basicamente quando o verbo é uma cópula. Nos demais casos, o que encontramos é uma **falsa inversão** onde um sintagma nominal aparece deslocado à direita com um pronome co-referente nulo (pro). Nas estruturas que contém o expletivo “é que”, por serem derivadas das sentenças clivadas, ambas as ordens V-S e S-V são igualmente possíveis.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTILHO, A. & PRETTI, D. 1986. **A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo**. Vol. I – Elocuções Formais.
- \_\_\_\_\_. 1987. **A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo**. Vol. II – Diálogos entre dois informantes.
- DUARTE, M.E.L. 1992. “A perda da ordem V(erbo) S(ujeito) em interrogativas qu- no português do Brasil” In **D.E.L.T.A.**, vol. 8, número especial.
- \_\_\_\_\_. 1993. “Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil”. In ROBERTS, I. & KATO, M.A. (orgs.) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**, Editora da Unicamp.
- KATO, M.A. 1987. “Inversão da ordem SV em interrogativas no português: uma questão sintática ou estilística?” In **D.E.L.T.A.**, vol. 3, número 2.
- \_\_\_\_\_. 1993. “Word order change: the case of Brazilian Portuguese Wh- questions” (mimeo).
- LOPES ROSSI, M.A.F. 1993. “Estudo Diacrônico sobre as interrogativas do português”. In ROBERTS, I. & KATO, M.A. (orgs.) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**, Editora da Unicamp.
- PRETTI, D. & URBANO, H. 1988. **A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo**, vol. III – Entrevistas.
- ROBERTS, I. 1990. **Verbs and Diachronic Syntax: A Comparative History of English and French**. Dordrecht:Kluwer.
- TARALLO, F. & KATO, M.A. 1989. “Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e inter-lingüística” In **Preedição**, número 5.